

REQUERIMENTO Nº , de 13 de julho de 2016.

(Do Sr. JERÔNIMO GOERGEN e outros)

Requer a realização de Audiência Pública, na Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural, para tratar sobre a crise na suinocultura brasileira.

Senhor Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, nos termos dos artigos 255, combinado com artigo 24, III, ambos do Regimento Interno desta Casa, que seja realizada Audiência Pública para tratar sobre a crise na suinocultura no Brasil.

Para debater este tema, sugiro a presença dos seguintes convidados:

- Senhor Neri Geller, Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA;
- Secretário de Política Econômica Ministério da Fazenda;
- Representante Confederação Nacional da Agricultura - CNA;
- Representante Associação Brasileira de Suínos – ABCS;

JUSTIFICATIVA

A realização da audiência pública solicitada tem como objetivo discutir e contribuir para saneamento da crise na suinocultura brasileira.

A conjuntura de mercado das *commodities* milho e soja apontam para a sustentação dos preços internos no país, com previsão de aumento ao longo dos anos safra 2015/2016 e 2016/2017. Este fato também foi constatado pelo mercado após a publicação das previsões do Conselho Internacional de Grãos (IGC) no final de 2015, que apontaram para a redução da produção global de milho e manutenção dos níveis produzidos de soja.

Somado à tendência internacional de menor oferta de milho está a desvalorização do Real frente ao Dólar, que correspondeu à queda de 50%

ao longo de 2015, o que incentivou os embarques internacionais de milho e soja, puxando suas cotações internas para cima.

Além disso, a safrinha de milho de 2016 sofreu com a estiagem no centro-oeste e as perspectivas de uma colheita recorde caíram, o que levou a permanência de uma cotação elevada para o grão. Aliado a este fato prevê-se a retração do mercado consumidor de carne suína ao longo do ano de 2016. Este fato se justifica devido à redução do poder aquisitivo da população brasileira, pelo aumento do desemprego e contenção de gastos familiares, que se agravará neste ano. Logo, por serem tratadas como bens substitutos, as carnes de maior valor agregado tendem a perder espaço na mesa do consumidor para proteínas mais baratas, como a carne de frango e os ovos, impactando na retração da demanda de carne suína ao longo de 2016.

Uma das formas mais práticas de auxiliar no diagnóstico da saúde financeira das granjas, refere-se ao indicador denominado “relação de troca” entre a venda de 1 (um) quilo de suíno vivo e o poder de compra de milho com a venda. Tendo em vista que a ração – composta por milho e farelo de soja – corresponde a cerca de 75% dos custos variáveis de produção e, neste contexto, o milho representa em torno de 70% da composição das rações, especialistas apontam que, para alcançar o ponto de equilíbrio entre receita e custos variáveis, o suinocultor deve manter a relação de troca “suíno x milho” acima de 6. Isto significa que, em termos práticos, o suinocultor deve ser capaz de comprar pelo menos 6 quilos de milho com a venda de 1 quilo de suíno vivo. Logo, pode-se generalizar que, qualquer valor abaixo do indicador “6” representará prejuízos reais para o suinocultor, sem levar em conta outros custos da granja, como depreciação, pró-labore, remuneração do capital e custo de oportunidade da terra.

Ao longo da última década, observa-se um comportamento cíclico de crises dos preços na suinocultura, como em 2004, 2008 e 2012, sendo que atualmente não se encontra especialista de mercado que se arriscaria prever um cenário otimista de preços para o setor ao longo de 2016 e 2017.

Somado ao principal foco do problema – as cotações de milho, soja e preço do suíno vivo – também foram observados aumentos nos custos com energia elétrica, mão de obra e combustíveis recentemente. Todo esse aumento nos custos, somado à perda de poder aquisitivo do consumidor brasileiro, fatalmente agravará a situação financeira do setor suinícola ao longo de 2016, a qual deve se estender para 2017.

Este cenário pode se tornar realidade novamente este ano, e retirar mais famílias da atividade. Em alguns estados, como Paraná, já existem relatos de produtores independentes cujos prejuízos ultrapassam R\$ 200.000,00 com uma média de perda de R\$ 100,00 por animal devido à baixa relação entre preço do milho x preço do kg do suíno vivo. Esta realidade se repete em outros estados e municípios produtores de proteína animal.

Desta forma, os governos estaduais da região sul já tomaram algumas medidas de auxílio ao setor. No Rio Grande do Sul o governo manteve o ICMS para a saída de suínos vivos vendidos a outros estados em 6% até o fim de 2016, ao passo que em outros setores a alíquota foi revisada. Já em Santa Catarina, o governo assinou decreto com redução de ICMS de 12% para 6% no período de 1º de março à 30 de abril com a expectativa de atingir 40% dos produtores independentes do estado. No Paraná o ICMS também caiu de 12% para 6% em abril e permanece até que a situação do setor volte a se equilibrar.

No Brasil temos 1,6 milhão de matrizes suínas, sendo cerca de 30% independentes. Destes, pelo menos 20% (aproximadamente 320 mil matrizes) tem dificuldade em acessar linhas de crédito para suportar momento de crise.

Atualmente, o país exporta apenas 15% do que produz, tendo a maior parte dessa exportação destinada a parceiros de postura comercial imprevisível, como Rússia e Hong Kong, os quais juntos correspondem a mais da metade das exportações brasileiras de carne suína.

Portanto, por mais que o Governo acene para uma postura mais ofensiva de desenvolvimento do comércio exterior, o que de fato auxiliará a equilibrar parte da queda de demanda no mercado doméstico, vale destacar que existe um período transitório de maturação dos investimentos e da

concretização das negociações bilaterais. Investimentos privados, critérios técnicos e protocolos sanitários a serem pactuados entre os países, até que as plantas frigoríficas do país estejam aptas a exportarem e até que o exportador passe a embarcar seus produtos gradativamente ao longo dos meses até que se chegue a volumes consideráveis e sólidos de exportação, podem demorar e então comprometer drasticamente a suinocultura brasileira. Neste sentido, é de se concordar que o empenho do Ministério da Agricultura, Pecuário e Abastecimento (MAPA) para expandir as exportações é incontestavelmente positivo para o setor da carne suína. Contudo, não se pode afirmar que esta ação servirá de solução neste ano para escoar o excedente da produção, pois os reflexos da promoção comercial tomarão tempo maior para surtirem efeitos de equilíbrio ao mercado.

Com o cenário de elevados patamares dos custos de produção e redução da demanda pelo consumo de carne suína ao longo do ano, a saúde financeira do suinocultor sofrerá severo impacto já nos próximos meses.

Para isso, requeiro a esta Comissão que venha discutir o tema referido da crise da suinocultura brasileira, com as entidades elencadas buscando alternativas viáveis para o setor.

Sala das Comissões, em 13 de julho de 2016.

Deputado Jerônimo Goergen
PP/RS

Dilceu Sperafico
PP/PR

Jorginho Mello
PR/SC